

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar 2 [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-206-7

DOI 10.22533/at.ed.067202307

1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR 2, coletânea de vinte e três capítulos que une pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, discute temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber, como marcado pela proposta multidisciplinar fixada no seu escopo maior.

Destarte, esse volume está ancorado em três eixos maiores: a Linguística, a Letras e as Artes. É assim que o diálogo se dá, sempre observando o entrelaçar com outras áreas, assim como o debatido e refletido a partir de construções sociais para o tema.

No momento dedicado a Linguística, temos doze capítulos que atravessam as variadas correntes analíticas dos estudos linguísticos, dos estudos advindos das contribuições de Saussure até mesmo a aplicação do ensino de língua, seja portuguesa ou inglesa, e a sua interação com o suporte, com o livro didático.

A etapa voltada para a Literatura, apresentamos seis capítulos que mantêm essa proposta de diálogo com a atualidade e com os dilemas sociais do momento, assim observamos discussão que paira os livros infantis e as representações de sentimentos e perturbações humanas na composição literária.

As Artes aqui congregam cinco capítulos que abordam a dramaturgia, a pintura e a música, esta também dialogada com a experiência e o exercício do profissional da área.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A LÍNGUA COMO ELEMENTO DE PODER: UMA REVISÃO HISTÓRICA A PARTIR DOS EXCERTOS DE SAUSSURE	
Lucas da Silva Paulino	
DOI 10.22533/at.ed.0672023071	
CAPÍTULO 2	15
A INTERFERÊNCIA DOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS NA CONCORDÂNCIA VERBAL	
Renné da Glória Andrade Valéria Viana Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0672023072	
CAPÍTULO 3	20
CASOS DE FLUTUAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO: ATOS DE FALA DO CAMPO SEMÂNTICO DE DÚVIDA	
Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque Alessandra Zager Tinoco Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0672023073	
CAPÍTULO 4	38
ENTRE PALAVRAS E PALAVRÕES CAMINHA A HUMANIDADE: INTERFACES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS	
Samara Trovão Meneguetti Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023074	
CAPÍTULO 5	51
A PERSPECTIVA INTERACIONISTA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA E COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DE INTER-RELAÇÕES	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023075	
CAPÍTULO 6	63
ONDE ESTÁ O SUCESSO? UMA ANÁLISE DA OBRA “O SUCESSO PASSO A PASSO”	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.0672023076	
CAPÍTULO 7	78
POLIFONIA DE ENUNCIADORES E OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023077	
CAPÍTULO 8	91
DISCURSO JURÍDICO E PLANEJAMENTO FAMILIAR: ANÁLISE SOB UM VIÉS FOUCAULTIANO	
Felipe Bini Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023078	

CAPÍTULO 9	102
GÊNEROS TEXTUAIS E DOCÊNCIA COMPARTILHADA, UMA PRÁTICA AO AUXÍLIO DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM	
Cleber Cezar da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0672023079	
CAPÍTULO 10	113
ATIVIDADES DE ENSINO DE VOCABULÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO: SOB OS ASPECTOS LEXICAIS	
Rosemeire de Souza Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230710	
CAPÍTULO 11	125
O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO HISTÓRICA SOBRE ESTE INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	
Gabriela Schmitt Prym Martins Roberta Costella	
DOI 10.22533/at.ed.06720230711	
CAPÍTULO 12	137
PRÁTICAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS CURTOS EM LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.06720230712	
CAPÍTULO 13	144
A FUNÇÃO SOCIAL DOS LIVROS INFANTIS COM PROTAGONISTAS/PERSONAGENS NEGROS	
Thamiris Adão Ferreira da Silva Jovana Aparecida da Silva Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230713	
CAPÍTULO 14	154
PERCEPÇÕES SOBRE O LIVRO CHAPEUZINHOS COLORIDOS DE JOSÉ ROBERTO TORERO E MARCUS AURELIUS PIMENTA	
Katiane Dal Molin	
DOI 10.22533/at.ed.06720230714	
CAPÍTULO 15	164
TEXTURAS E TESSITURAS DA LÍRICA: UM MODO DE LER A POESIA DE MAX MARTINS	
Carolina da Costa de Almeida Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.06720230715	
CAPÍTULO 16	176
A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA, MORTE E LUTO NO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Thaína Martins da Silva Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230716	

CAPÍTULO 17	187
RELACIONAMENTO ABUSIVO COMO MORTE METAFÓRICA: ANÁLISE DA OBRA RETRATOS DE CAROLINA DE LYGIA BOJUNGA	
Ana Carolina de Castro Batista Thiago Alves Valente	
DOI 10.22533/at.ed.06720230717	
CAPÍTULO 18	198
CAMILO CASTELO BRANCO NO SÉCULO XXI	
Luiz Eduardo Martins de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.06720230718	
CAPÍTULO 19	208
O FIO DA NARRATIVA MÍTICA NA TRAMA DE DRAMATURGIAS FEMINISTAS	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.06720230719	
CAPÍTULO 20	216
A CIÊNCIA AO SERVIÇO DA ARTE E DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO: TRÊS CASOS DE ESTUDO EM PINTURAS MURAIIS DO PROJETO <i>PRIM'ART</i>	
Milene Gil Duarte Casal	
DOI 10.22533/at.ed.06720230720	
CAPÍTULO 21	227
OS TRANCOS DO PROGRESSO: O OLHAR CAIPIRA SOBRE SÃO PAULO NA MODA DE VIOLA BONDE CAMARÃO	
Carlos da Veiga Feitoza Beatriz Magalhães Castro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230721	
CAPÍTULO 22	243
SITUAÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA: ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR NA E FORA DA ÁREA DE MÚSICA	
Juraci Alves Silva Neto Cíntia Thais Morato	
DOI 10.22533/at.ed.06720230722	
CAPÍTULO 23	258
A MÚSICA E O INGLÊS DE MÃOS DADAS NA “TARDE CULTURAL”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL ROTARY NO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ-RN	
Danilo Augusto de Menezes Giann Mendes Ribeiro Rita Célia Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.06720230723	
SOBRE O ORGANIZADOR	269
ÍNDICE REMISSIVO	270

A PERSPECTIVA INTERACIONISTA NO ENSINO- APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA E COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DE INTER-RELAÇÕES

Data de aceite: 13/07/2020

Laíza da Costa Soares Araújo

Mestranda em Linguística pela Universidade
Federal da Paraíba - UFPB
laizamare@hotmail.com

Mônica Mano Trindade Ferraz

Doutora em Linguística e professora da
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
monicatrin@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho traz discussões teóricas a respeito do ensino-aprendizagem da língua portuguesa em contextos de língua estrangeira e língua materna dentro de uma perspectiva interacionista, com o objetivo de fornecer subsídios teóricos para professores e pesquisadores nos campos de PLE e PLM e nos estudos de Linguística Aplicada. A insistência do ensino tradicional metalinguístico nas salas de aula mostra a necessidade de continuarmos com os estudos que reforçam a importância da língua como lugar de interação em ambos os campos, já que apresentam interferências e, ao mesmo tempo, relações que beneficiam as duas áreas. Além disso, segundo Corder (1967, apud VENTURI, 2013, p. 121) é importante para o professor de línguas não apenas “conhecer a teoria da linguagem para sistematizar o assunto ensinado”, mas também “ser um

pesquisador dos problemas de aquisição de uma língua estrangeira como *aprendizes reais, num contexto institucional*”, o que ressalta a importância dos subsídios disponibilizados em trabalhos sobre aquisição da linguagem. No que tange especificamente ao ensino de PLE, o estudo se mostra importante devido à crescente expansão da Língua Portuguesa nos últimos anos como língua falada por não nativos, tanto em instituições de ensino superior em vários países, como em contextos profissionais no Brasil, com uma crescente quantidade de estrangeiros que chegam ao país com o objetivo de trabalhar ou estudar, seja de forma permanente ou temporária. Essa demanda leva à necessidade de ampliação do conhecimento por parte dos professores para um trabalho mais eficiente, contribuindo com a expansão do conhecimento e ensino da língua portuguesa no Brasil e no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Português como língua estrangeira; português como língua materna; perspectiva interacionista; ensino.

ABSTRACT: This paper brings theoretical discussions about the teaching-learning of the Portuguese language in contexts of foreign language and mother tongue within an interactionist perspective, with the objective of providing theoretical subsidies for teachers and researchers in the fields of PLE and PLM

and in studies of Applied Linguist. The insistence of traditional metalinguistic teaching in classrooms shows the need to continue with studies that reinforce the importance of language as a place of interaction in both fields, since they present interferences and, at the same time, relationships that benefit both areas. Furthermore, according to Corder (1967, apud VENTURI, 2013, p, 121) it is important for the language teacher not only “to know the theory of language to systematize the subject taught”, but also “to be a researcher on the problems of acquiring a foreign language as real apprentices, in an institutional context”, which highlights the importance of the subsidies available in works on language acquisition. With regard specifically to the teaching of PLE, the study is important due to the growing expansion of the Portuguese language in recent years as a language spoken by non-natives, both in higher education institutions in several countries, and in professional contexts in Brazil, with a increasing number of foreigners arriving in the country with the objective of working or studying, either permanently or temporarily. This demand leads to the need for the expansion of knowledge on the part of teachers for more efficient work, contributing to the expansion of knowledge and teaching of the Portuguese language in Brazil and in the world.

KEYWORDS: Portuguese as a foreign language; portuguese as a mother tongue; interactionist perspective; teaching.

1 | INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa pode ser estudada em diferentes contextos e direcionada a diferentes públicos: para os falantes nativos, é ensinada no ensino fundamental, médio e superior; para o público estrangeiro, o português é ensinado para falantes de nível básico, intermediário e avançado. Assim, entendemos que a língua percorre os dois campos de forma semelhante, porém os direcionamentos teóricos e metodológicos mudam de acordo com o público. Tais direcionamentos, embora diferentes, possuem pontos que se complementam e se interligam, permitindo, assim, um diálogo entre si, tanto nos aspectos positivos, como nos negativos.

Atualmente, no ensino de PLM, apesar das grandes discussões e pesquisas no meio acadêmico voltadas para a necessidade de se ter um ensino de gramática interativo, que leve o aluno a refletir e ter consciência do uso da língua nas situações reais do cotidiano, o que prevalece nas sala de aula é o ensino tradicional metalinguístico, que apenas descreve a língua e desconsidera o sentido que os elementos linguísticos provocam no texto, bem como sua adequação ao contexto comunicativo. Do mesmo modo, as discussões e pesquisas voltadas para PLE sugerem o ensino de Língua a partir de uma perspectiva que ressaltem os valores culturais e baseiam-se nas situações de uso da língua. Entretanto, embora a perspectiva interacionista no ensino de PLE seja amplamente discutida e conhecida pelos professores como o método mais eficaz no aprendizado de uma língua estrangeira, prevalecem, ainda, as situações em que é com ensino explícito de gramática em sala de aula de PLM, ou seja, as práticas tradicionais de ensino de PLM são trazidas para as aulas de PLE. Por outro lado, se há evolução nos métodos de ensino de PLM, no sentido de enxergar a língua

como objeto de interação, essa evolução também será refletida nos contextos de PLE, com uma abordagem diferenciada voltada para este público. Assim, percebe-se a necessidade de ambos os campos serem pautados por uma visão interacionista, porém adaptando-os ao público. Essa perspectiva permite estabelecer pontes que servem de recursos para o garantir um melhor aproveitamento em ambos os contextos. O objetivo deste trabalho é discutir essas relações promovendo um direcionamento para um ensino mais reflexivo e interativo de PLM e PLE.

A importância desse estudo no campo de PLM se dá pela necessidade de um redirecionamento do nosso objeto de estudo, utilizando-se de abordagens voltadas para o desenvolvimento real das competências comunicativas do aluno, as quais, no contexto de PLM, permitem que o aluno compreenda a língua não apenas do ponto de vista gramatical, mas também interativo, observando as aplicações dessas estruturas no mundo real.

O estudo também é favorável no que tange ao ensino de PLE, uma vez que a Língua Portuguesa tem crescido vigorosamente nos últimos anos, expandindo-se em instituições de ensino superior nos diversos continentes. No Brasil, essa expansão ocorre devido à quantidade de estrangeiros que vêm ao país a trabalho ou estudos. Essa demanda leva à necessidade de professores melhor capacitados e conscientes quanto a importância de um ensino eficaz e significativo, uma vez que as consequências disso refletem significativamente no aprendizado do aluno.

Para a abordagem dos objetivos propostos na pesquisa, este projeto está estruturado da seguinte forma: a primeira parte busca esclarecer o uso das terminologias nos estudos de ensino-aprendizagem de línguas; a segunda parte promove uma discussão acerca do cenário atual no ensino de PLE e PLM e a necessidade de se discutir e implementar uma visão interacionista da língua em sala de aula; a terceira parte apresenta as relações entre os dois campos e discute os possíveis diálogos que podem ser feitos entre essas áreas, de modo que ambas se beneficiem; a última parte conclui o trabalho, retomando os assuntos aqui levantados e apresentando os avanços e desafios presentes na questão do ensino de línguas na perspectiva interacionista.

2 | LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA ESTRANGEIRA

Para um direcionamento mais claro nos estudos aqui propostos, é interessante explicarmos algumas terminologias utilizadas nas discussões de ensino de línguas, que são “língua estrangeira e segunda língua”, “língua materna” e “aquisição e aprendizagem”

Embora os termos “língua estrangeira” e “segunda língua” sejam utilizados comumente como sinônimos, possuem definições distintas que podem levar a compreensões diferentes. Para Leffa (1998), o termo “segunda língua” é utilizado para se referir a uma língua aprendida em um contexto de imersão. É uma língua adquirida pela necessidade de comunicação em sociedade por um sujeito que tenta falar uma língua diferente da sua língua de nascimento, seria o caso de um alemão aprendendo português no Brasil, por exemplo. Já o termo “Língua

estrangeira” seria o caso de uma língua aprendida fora de uma comunidade linguística de falantes dessa língua, por exemplo, um alemão aprendendo português na Alemanha. Brumfit e Roberts (1983 apud ALMEIDA FILHO; CUNHA, 2007) entendem por língua estrangeira, aquela falada no meio externo ao lugar onde a pessoa nasceu e cresceu. É uma língua utilizada na comunicação com falantes que fazem parte de uma comunidade linguística diferente.

A Sociedade Internacional de Português- Língua Estrangeira – SIPLE utiliza o termo “língua estrangeira” por considerar que a referência deve ser feita “a partir do ‘Outro’, o não falante do português, para quem a língua é ‘estrangeira’” (ALMEIDA FILHO; CUNHA, 2007, p. 21). Nesse sentido, “língua estrangeira” se aplica a todo o falante de português como língua não nativa, pois, independentemente do local onde o aprendiz se encontra, uma língua diferente da sua sempre será considerada estrangeira. Como se percebe, o uso dos termos é bastante abrangente e se cruzam em algum ponto, porém, percebe-se uma preferência ao termo “segunda língua” quando se trata das teorias de aquisição da linguagem. No presente trabalho, opta-se pelo termo “língua estrangeira”, já que estamos nos referindo ao ensino de português como língua não nativa do aprendiz, seja este ensino dado ou não em contexto de imersão cultural.

Já os termos “aprendizagem” e “aquisição” são menos controversos. Enquanto “aprendizagem” se volta para o “desenvolvimento formal e consciente da língua, normalmente obtido através da explicitação de regras”, ou seja, o ato de aprender uma língua em um contexto de sala de aula”, a “aquisição” é o contrário disso, “é o desenvolvimento informal e espontâneo da segunda língua, obtido normalmente através de situações reais, sem esforço consciente” (LEFFA, 1998). Neste trabalho, enfatiza-se o termo “aprendizagem”, já que estamos nos referindo a uma perspectiva de ensino de línguas dentro de uma sala de aula com a ajuda de um professor.

A definição de língua materna, embora seja um tanto óbvia, é importante enfatizar o valor que a semântica do termo carrega no sentido de construção de identidade do indivíduo. A língua materna não é necessariamente a língua da mãe, mas é normalmente a língua com a qual a pessoa nasce, “a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade” (SPINASSÉ, 2006, p. 4). A respeito da constituição da língua materna como fator de identidade do indivíduo, Spinassé (2006, p. 4) traz uma reflexão interessante ao afirmar que a língua materna está diretamente integrada ao conhecimento de mundo construído pelo sujeito, “pois junto à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais”. Essa reflexão conduz a um entendimento de língua materna como instrumento/objeto de comunicação ampla que se materializa em diversos contextos de uso, fazendo com que o sujeito se identifique como parte de uma família e de uma comunidade. Em consonância a isso, Almeida Filho (2005, p. 8) afirma que a língua materna “é a língua que se constitui a identidade pessoal, regional, étnica e cultural de uma pessoa”.

Existem, ainda, vários fatores a serem considerados na definição de uma língua materna, como a língua falada pela mãe, pelo pai, pela comunidade linguística, etc, os quais

não se inserem nos objetivos aqui propostos. O presente estudo é pautado no ensino de português como língua materna na sala de aula, ou seja, o ensino de português para nativos da língua portuguesa, e dentro de uma comunidade onde o português é falado como língua oficial e predominante.

3 | O ENSINO INTERACIONISTA EM PLM E PLE: CAMPOS DIFERENTES COM CENÁRIOS SEMELHANTES

O ensino de PLM na perspectiva da gramática tradicional comunica-se com a visão da linguística estruturalista amparada por Saussure (2006), a qual vê a língua como um sistema homogêneo, em que as normas definem o seu funcionamento. O aspecto diverso e mutável, por outro lado, faz parte do âmbito da fala, o que não pode ser estudado dentro do sistema de regras da linguística estruturalista. Essa forma de estudo da língua já sofreu várias críticas ao longo do tempo, devido ao modo restrito em que é trabalhada. Dessa forma, aponta-se que o estudo da língua como sistema, desconsidera os aspectos dinâmicos da fala e possui uma visão da língua como algo inacabado e reproduzido por gerações (BAKHTIN, 1981). Outra crítica com relação ao ensino metalinguístico é apresentada por Luft (1985, p. 52), ao afirmar que “um menino não aprende a língua materna pela definição do adjetivo, substantivo, como não aprendemos a respirar estudando gravuras de pulmões”.

Nesse sentido, embora haja muitas discussões acerca do uso reflexivo da língua em sala de aula, é intrigante o fato de a visão tradicional ainda ser predominante, uma realidade que mostra o descompasso entre as pesquisas acadêmicas e a realidade na sala de aula. As possíveis hipóteses que podem justificar essa insistência é a dificuldade em se promover as mudanças desejadas no ensino, já que o método tradicional já está tão enraizado no meio escolar, dificultando, na prática, a associação entre gramática e uso, o que leva muitos professores a ensinar gramática dissociada de leitura, escrita, oralidade, e outros aspectos de uso real da língua. Dessa forma, na tentativa de partir de um ensino baseado no uso da língua, é comum a introdução de elementos comunicativos com a intenção de observar apenas as estruturas gramaticais, o que Cordeiro e Rojo (2004, p.9) afirmam ser o uso do texto como “um pretexto para o ensino da gramática normativa”. Para Pivovar (1999), ainda não há uma preocupação com a concepção de linguagem por parte dos professores ou essa concepção não é mesmo compreendida. Além disso, o autor ainda aponta a necessidade de as discussões teóricas saírem do discurso científico e serem realmente aplicadas ao ensino:

O rigor científico acaba produzindo discursos que servem mais ao embate ideológico do que efetivamente ao ensino. Daí se repetirem as críticas, daí não se ter ido além das “questões prévias” (a necessidade de se estabelecer uma concepção de linguagem), daí se repetirem as constatações de fracasso (PIVOVAR, 1999, p. 14)

No ensino de PLE o cenário não é muito diferente, embora tenha sofrido evoluções no tocante aos métodos de ensino. Inicialmente, a perspectiva predominante era baseada no

método da gramática da tradução, o qual consiste no estudo da estrutura linguística da língua alvo comparando-a com a LM, esclarecendo o sentido a partir da tradução das palavras e, em seguida, partindo-se para o estudo da estrutura das frases no processo de tradução (LEFFA, 1988). Consiste na memorização de palavras e no ensino de regras gramaticais para construções de frases e traduções.

Entretanto, para suprir as lacunas do método da gramática comunicativa, surgiu, então, o método audiolingual, que consiste no ensino a partir de estímulos e de respostas visuais e sonoras, configurando uma aprendizagem baseada em uma conduta de reflexos (CORACINE; BERTOLDO, 2003). Esse método foi muito influenciado pelo behaviorismo e utilizado no treinamento de línguas no exército americano, durante a segunda guerra mundial. O intuito era garantir uma aprendizagem rápida da língua alvo, focando nas necessidades básicas de comunicação imediata. Diferente da gramática da tradução, o método audiolingual tem como premissas: “língua é fala, não escrita [...]; língua é um conjunto de hábitos [...]; ensine a língua, não sobre a língua [...] as línguas são diferentes [...]”. (LEFFA, 1998). Entretanto, esse método mostrou-se insuficiente, pois, em situações reais de interação, o aluno, que só aprendera a repetir enunciados, sentia-se paralisado, sem saber se comunicar em uma situação nova e real.

Assim, a partir da década de 1970, surgiu o método comunicativo, com uma perspectiva interacionista de ensino-aprendizagem de línguas, priorizando não mais o código linguístico, como na linguística estruturalista, mas o sentido. Esse método utiliza como referência as situações de uso durante a aprendizagem do idioma, desenvolvendo, assim, a competência comunicativa do aluno, conceito definido por Hymes (1970) como sendo o desenvolvimento das habilidades de competências culturais, sociolinguísticas, discursivas e estratégicas. Dessa forma, a aprendizagem da língua se dá pela ênfase no uso e não apenas na forma da língua alvo.

A perspectiva interacionista amplia o conceito de língua para além da estrutura, explorando-a de forma mais real, como um conjunto de práticas sociais e de linguagem que estão situados dentro de um contexto sócio-cultural específico, como aponta Bakhtin (1992, p. 280) ao afirmar que:

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua.

A linguagem é o instrumento pelo qual as relações sociais acontecem, ou seja, é a partir das interações que se concretizam os discursos, considerando as condições sociais e históricas como parte dessa interação. Dessa forma, a linguagem é mais do que codificar e reproduzir informações, mas realizar ações (TRAVAGLIA, 1998), com um foco dado ao desenvolvimento de habilidades de ‘uso da língua’, e não de ensino ‘sobre a língua’, já que o objetivo do ensino não é formar analistas, mas usuários competentes da língua, capazes de usá-la de modo adequado nas diferentes situações de interação comunicativa, combinando

os efeitos de sentido com as intenções comunicativas do falante. Ainda segundo o autor, o ensino explícito de gramática em sala de aula deveria ficar em segundo plano pelas seguintes razões:

- a) para a esmagadora maioria dos falantes / usuários de uma língua, o que importa é ser comunicativamente competente na mesma; e
- b) que ter conhecimento sobre a língua e/ou ser analista da mesma importa a pouca gente (lingüistas, gramáticos, teóricos da língua em geral, professores de língua materna e estrangeira, e em menor grau a alguns profissionais que se valem muito diretamente da linguagem, tais como jornalistas, publicitários, revisores); (TRAVAGLIA, 2002, p. 137)

Assim, ensino explícito da gramática funcionaria apenas como uma ferramenta para aprofundar os conhecimentos sobre a língua ou auxiliar o aluno em trabalhos que envolva e necessite do conhecimento explícito da língua. Por outro lado, no que se refere ao professor, é inquestionável a necessidade de um conhecimento teórico amplo, para que possa estruturar com sucesso as atividades relativas ao ensino que possuam fins de uso e com determinações específicas e claras (TRAVAGLIA, 2002). Além disso, o ensino das diferentes variedades da língua, principalmente no que se refere à língua materna, deve ser considerado, já que o aluno geralmente só possui conhecimento de uma variedade e precisa desenvolver as habilidades de adequação de uso da língua em diferentes contextos situacionais, bem como a compreensão adequada dentro de tais contextos. Almeida Filho (2005, p. 9) afirma que o ensino de L1 pode ser concebido como ensinar o aluno a se reconhecer numa determinada variante, a valorizá-la e ainda transitar por outras variantes, porém a variante em que se expressa deve ser trabalhada e aprimorada, podendo receber traços de uma variante padrão de prestígio elegida em “estilos e níveis de formalidade diversos”.

É interessante pensar que essa visão interacionista é muito considerada nos estudos textuais, como os apontados por Koch (2010), os quais afirmam que a interpretação e a compreensão de qualquer texto são feitas a partir do acionamento de conhecimentos prévios, leituras de mundo, análise do contexto em que a produção se aplica e outros elementos relacionados ao texto. Dessa forma, o indivíduo deixa de ser visto como fruto do sistema linguístico e passa a ser visto como indivíduo ativo que se relaciona com os sentidos estabelecidos do texto, construindo-os a partir de seu lugar de interação.

Entretanto, assim como ocorre no ensino de PLM, as salas de PLE e os livros didáticos ainda persistem no estudo tradicional da língua disfarçado de uma abordagem situacional (ALMEIDA FILHO, 2007, p. 66). A partir disso, podemos apontar que:

A tradição forte, medular, da centralidade da gramática não nos deixará tão cedo para conforto dos gramaticalistas de todos os matizes e inquietação dos comunicativistas, textualistas e sócio-interacionistas que gostariam de ver o prosscênio do ensino ocupado pela construção livre do sentido que já possa ser circulado entre os aprendizes de limitada capacidade de compreensão da nova língua “estudada”. (ALMEIDA FILHO, 2007, p. 39-40)

Ainda há muito a ser discutido e muitos desafios a serem enfrentados no que diz respeito

a abrir mão de um ensino totalmente gramatical para abraçar um ensino interacionista da língua nos campos de PLE e PLM. Portanto, uma formação específica no ensino de PLE e sua inclusão no componente curricular do curso de letras permite uma ampliação nas discussões sobre a necessidade de se ter um ensino interacionista da língua e promover um diálogo entre os dois campos. Essa realidade está mudando com a implantação de disciplinas específicas no currículo de Letras ainda que em processo de implantação, e a Linguística Aplicada agrega como área de estudo muito importante na formação do conhecimento no ensino e aprendizagem de línguas e sua relação com a sociedade (ALMEIDA FILHO, 2005).

4 | APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE OS CAMPOS DE PLE E PLM

Embora os estudos demonstrem que há diferença entre os ensinos de PLE e PLM, tanto no que diz respeito às teorias, como às práticas em sala de aula (ALMEIDA FILHO, 2009; FONSECA, 2009), ambos compartilham aspectos que se relacionam, como a busca por um ensino de línguas com base no uso.

Assim, o estudo das peculiaridades dos campos PLE e PLM, relacionando as diferenças e similaridades nas metodologias e práticas pedagógicas, contribui para que ambos os tipos de ensino se beneficiem com as pesquisas e os resultados obtidos no que se refere à perspectiva interacionista no ensino de língua portuguesa. Tais estudos marcam principalmente as diferenças entre o processo de aquisição e aprendizado em cada campo. A respeito, entendemos que enquanto o estudo de PLM é marcado pela necessidade de sobrevivência e comunicação dos nativos, o estudo de PLE é marcado por um processo mais artificial, uma vez que o indivíduo não nasce em um contexto que necessita da língua alvo para sobreviver. Dessa forma, a aprendizagem recebe influência das inferências que o indivíduo faz das estruturas da língua alvo baseadas no conhecimento que possui de sua língua materna. Essa forma de estudo, pode, muitas vezes, direcionar o aluno para uma aprendizagem mais metalinguística do que situacional da língua alvo, gerando uma generalização de algumas regras ou a não utilização destas no aprendizado da língua alvo, associando as estruturas linguísticas da sua língua materna com as estruturas da língua-alvo. Entretanto, essas interferências também possuem um caráter positivo, já que, conforme Vasseur (2013, p. 89), todas as produções do aprendiz são manifestações potenciais de sua gramática” e a recorrência à língua materna também é uma forma de se construir como sujeito competente na língua estrangeira, pois a “a gramática que o aprendiz constrói para si depende dos modelos com os quais este último está em contato, logo, depende das situações e modos de comunicação que ele encontra” (CORDER, 1980 apud VASSEUR, 2013, p. 88-89). Daí a necessidade de promover esse contato dentro de razões comunicativas reais e de socialização para tornar o processo o mais natural possível, já que os pressupostos cognitivos diferem dos já internalizados pelo indivíduo no processo de aquisição de sua língua materna (SPINASSÉ, 2006).

Outro aspecto importante quanto às diferenças entre PLE e PLM é o conhecimento

cultural. O falante nativo da língua portuguesa cresce inserido dentro da cultura em que a língua é utilizada, o que possibilita maior familiaridade com as situações e os aspectos culturais que influenciam no uso da língua. Por outro lado, o falante não nativo pode apresentar certas estranhezas e sentir-se desconfortável diante de algumas situações com as quais não esteja familiarizado, uma vez que, ao iniciar o contato com a língua alvo, já possui em si uma carga cultural que prevê a maneira como se relaciona consigo mesmo e com a sociedade (SANTOS, 2005, p. 45). Tal fato pode ser amparado pelas teorias gerativistas, as quais apontam que:

[...] o conhecimento linguístico é adquirido somente por meio da participação da criança nas interações verbais entre os membros de sua comunidade linguística, sem que isso envolva qualquer estimulação específica ou qualquer correção por parte dos pais ou das pessoas com as quais elas interagem. (FIORIN, 2012, p. 96)

Essa carga cultural e linguística permite que o aluno acesse os conhecimentos linguísticos e culturais da sua língua mãe para melhor assimilação dos conhecimentos da língua alvo, ao mesmo tempo que interage com uma nova cultura e um novo contexto social.

A inter-relação entre os dois campos pode ser vista, mediante a capacidade de aprender e utilizar uma língua, que é inerente a todas as línguas, independentemente do ambiente linguístico ou das condições socioeconômicas em que a criança cresce, conforme os princípios da Gramática Universal, que sustenta que o estado inicial da faculdade da linguagem de qualquer criança é o mesmo, de modo que “em termos desse estado inicial, não existem diferenças entre crianças nascidas no hemisfério Norte ou Sul, entre crianças pobres e ricas, entre filhos de nobres e plebeus” (FIORIN, 2012, p. 97). Isso implica dizer que todos possuem uma capacidade de desenvolvimento da linguagem, embora a forma como esse desenvolvimento mude conforme o público, fator que deve ser considerado em todos os contextos de contato com a língua. Assim, tanto nos contextos de PLE como nos de PLM há aspectos que podem ser considerados quanto aos fatores que influenciam no aprendizado da língua. Conforme Santos (2010, p. 164) “é possível considerar que fatores como sexo, faixa etária, afetividade, motivação, estilos e estratégias e ainda fatores socioculturais são tão responsáveis quanto à instituição, o professor e o material didático”. Do mesmo modo, indivíduos que possuem maior familiaridade e um amplo repertório linguístico da língua materna aprende uma língua estrangeira com mais facilidade. O fator faixa etária também pode influenciar no aprendizado de uma nova língua, uma vez que:

[...] a aquisição do léxico e a capacidade de planejar o discurso numa segunda língua podem ser facilitadas pela maturidade, através de estratégias metalinguísticas conscientes que se concentrem nos procedimentos depois transferidos para o uso da língua. Para essas habilidades, então, quanto maior for o domínio linguístico na língua nativa, tanto mais facilitado o caminho para a proficiência nas segundas línguas nessas habilidades (VENTURI, 2006, p. 124)

Outro aspecto similar entre o ensino de PLE e PLM é a influência das correntes

pragmáticas que beneficiam ambos os campos. Em PLM, têm-se as concepções da linguística do uso, enquanto em PLE, as concepções da abordagem comunicativa, inserindo ambos os campos na perspectiva interacionista, considerando as situações de uso na língua nas produções linguísticas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias interacionistas se destacam pela amplitude de seus estudos e tendem a cumprir com mais eficácia as necessidades do falante aprendiz no que diz respeito às construções de sentido a partir da interação com o outro.

A preparação por parte do professor se constitui como fator primordial no sentido de propor um ensino pautado na interação e na situação comunicativa, envolvendo o aluno em propostas de situações reais de comunicação, familiarizando-o o máximo possível com os temas trabalhados, para que este, possa construir o conhecimento de forma ativa, constituindo-se, assim, como sujeito da linguagem e agente transformador do seu discurso. Ao estudar uma língua estrangeira, o aluno não está apenas aprendendo um idioma diferente, mas está se envolvendo também como uma cultura e uma sociedade diferente. No que se refere ao ensino de língua materna, o objetivo não é apenas aprender a língua em seu aspecto metalinguístico, mas trata-se de se reconhecer como sujeito pertencente a um todo maior, que é a comunidade a qual está inserido.

É nesse aspecto que precisamos perceber a importância de ensinar do ponto de vista do uso da língua. Para um aluno falante de uma língua estrangeira não basta apenas saber o que é um artigo, um pronome ou advérbio, nem muito menos classificá-los numa frase, o mais importante é conhecer os termos linguísticos e em quais situações podem diferenciar-se uns dos outros e quando e como podem ser utilizados no momento da interação, como o simples fato de fazer compras, ir ao cinema, sacar um dinheiro no banco, trabalhar, expressar opinião etc. É dessa forma que caminhamos para um ensino da língua classificado não apenas como mera reprodução, mas como fator social e cultural.

Os estudos direcionados a formação em língua portuguesa no Brasil apontam que ainda há uma prevalência da língua como norma, resultado de um processo histórico que ainda hoje causa uma separação entre uma língua de prestígio e outra usada no cotidiano das pessoas. Embora o cenário ainda seja desafiador, os trabalhos desenvolvidos na linguística têm se empenhado bastante e mostrado resultados no que se refere a mostrar o valor da língua em suas diversas formas, que não só a padrão, partindo dos usos reais para, então, apresentar uma variedade com a qual os alunos ainda não estão familiarizados, ou seja, o objetivo é partir do sujeito, do conhecimento que já domina para, então, chegar ao nível desejado de competência comunicativa.

Ainda não dispomos de uma política tão explícita em PLE nas Universidades, porém as pesquisas na área estão aumentando, e a crescente expansão do português como língua falada por outros povos tem contribuindo com esse aumento. Assim, as investigações

acadêmicas avançam em direção a um novo olhar para o ensino de línguas e apresentam melhorias nas propostas de ensino, embora as teorias ainda reflitam pouco nas salas de aula de PLE e PLM. Tal insistência é de certa forma, compreensível, uma vez que para que as melhorias sejam efetivadas nos contextos de ensino é preciso haver mudanças não apenas nos procedimentos metodológicos de cada professor individualmente, mas também nos valores que a sociedade e as categorias educacionais possuem da educação e do ensino-aprendizagem de línguas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P.; CUNHA, M. J. C. Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas. Brasília, DF: EdUnB – Editora da Universidade de Brasília; Campinas, SP: Pontes editores, 2007.
- _____. Linguística aplicada – ensino de línguas e comunicação. 2. ed. Campinas: Pontes, ArteLíngua, 2007.
- _____. O ensino de português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino. Museu da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://museudalinguaportuguesa.org.br/wp-content/uploads/2017/09/ENSINO-COMO-LINGUA-NAO-MATERNA.pdf>>. acesso em: 03/02/2020.
- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1981.
- _____. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 280.
- CORACINE, M. J.; BERTOLDO, E. S. O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula: (língua materna e língua estrangeira). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- FIORIN, J. L. Introdução à linguística. São Paulo: Contexto, 2012; p 96, 97.
- HYMES, D. On communicative competence. In: GUMPERZ, J.J. & HYMES, D. (Orgs.) Directions in Sociolinguistics. Nova Iorque: Holt, Rinehartand Winston, 1970.
- LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.
- LUFT, C. P. Língua e liberdade: por uma nova concepção de língua materna e seu ensino. Porto Alegre: LP&M, 1985.
- PIVOVAR, A. A leitura e escrita: a captura de um objeto de ensino. Curitiba, 1999, 142f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná.
- SANTOS, P.; ALVAREZ, M. L. O. Língua e cultura no contexto de português língua estrangeira. 2 ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2010.
- SPINASSÉ K. P. Os conceitos Língua Materna, Sgunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. Revista Contingentia, Rio Grande do Sul 2006, Vol. 1, 01–10, 2006.
- TRAVAGLIA, L. C. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. Para que ensinar teoria gramatical. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v.10, n. 2, p.135-231, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3160137/mod_resource/content/1/ensino_de_gramatica_Travaglia.pdf. Acesso em 03/02/2020.

VASSEUR, M. T. Aquisição de L2: compreender como se aprende para compreender o desenvolvimento da competência em interagir em L2. In: DEL RÉ, Alessandra (Org.). Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. P. 85-111.

VENTURI, M. A. Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados. In: _____. Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. P. 113-134.

_____. Tópicos de aquisição e ensino de língua estrangeira. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 24, 63, 64, 74, 76, 77, 91, 92, 100

Artes 15, 20, 38, 51, 63, 78, 90, 91, 102, 109, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 210, 211, 213, 215, 216, 227, 229, 234, 240, 241, 243, 257, 258, 259, 261, 264, 266, 269, 270, 271

Atos de Fala 20, 21, 22, 26, 37, 233

C

Camilo Castelo Branco 198

Concordância Verbal 15, 16, 17, 18, 19

Conto 102, 103, 108, 154, 155, 156, 158, 161, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

D

Discurso Jornalístico 78, 79, 80, 81, 89

Discurso Jurídico 91, 97

Dramaturgia 202, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215

E

Ensino 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 37, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 68, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 148, 154, 208, 236, 244, 251, 252, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 269

F

Função Social 144, 148, 150

G

Gênero Textual 102, 104, 108, 109

I

Interacionista 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60

Interpretação 57, 70, 71, 76, 79, 116, 123, 127, 130, 137, 138, 140, 141, 143, 151, 153, 155, 164, 166, 168, 178, 180, 232, 243, 246, 256, 257

L

Letras 15, 19, 20, 31, 38, 42, 51, 58, 61, 63, 76, 78, 91, 92, 102, 103, 111, 112, 113, 125, 136, 137, 139, 144, 146, 154, 164, 165, 176, 179, 186, 187, 197, 198, 208, 216, 217, 227, 230, 242, 243, 258, 265, 266, 269, 270, 271

Língua Estrangeira 8, 10, 11, 20, 21, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 138, 139, 142, 143, 258, 259, 260, 264, 266

Língua Materna 9, 20, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 117, 126, 128, 130, 135

Linguística 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 24, 26, 36, 38, 41, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 73, 74, 76, 78, 90, 91, 92, 102, 113, 114, 125, 128, 131, 133, 137, 144, 154, 164, 166, 174, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 232, 237, 243, 258, 269, 270, 271

Lírica 164, 166, 167, 168, 169, 171, 174

Livro Didático 113, 114, 115, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 142, 153

Livro Infantil 145, 151, 189

Loucura 99, 100, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 204

Luto 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185

M

Morte 93, 157, 158, 162, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 192, 195, 196, 197, 205, 206, 209, 213

Multidisciplinar 15, 20, 38, 51, 63, 78, 91, 98, 102, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 243, 246, 253, 257, 258, 269, 270, 271

Música 28, 118, 119, 227, 229, 230, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

N

Narrativa Mítica 208, 210, 212, 214

O

Operadores Argumentativos 78, 83, 89

P

Palavras 1, 15, 20, 26, 38, 39, 41, 42, 49, 51, 56, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 78, 80, 81, 82, 86, 89, 91, 102, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 132, 137, 140, 141, 142, 144, 146, 149, 154, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 180, 187, 198, 202, 208, 216, 227, 231, 232, 233, 241, 243, 258, 265

Pintura 169, 217, 218, 221, 222, 224

Poesia 149, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 202, 203, 234

Polifonia 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90

Prática de Leitura 104, 108, 110, 111, 140

S

Semântica 13, 20, 22, 23, 25, 27, 28, 31, 36, 37, 40, 41, 54, 77, 79, 110, 116, 127, 173

V

Viola 227, 228, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 